

**‘MULTIMÍDIA’ É UMA QUESTÃO DE PONTO DE VISTA
D24AM e a transição desconexa em webjornalismo¹**

Cristiane Naiara Araújo de Souza²

Resumo

Apresenta-se a proposta de uma leitura semiótica da aba Multimídia do portal D24AM. Trata-se do único portal possuidor dessa aba, a qual abriga formatos divididos em fotografias, videorreportagens e arquivos em áudio, inerentes ao webjornalismo. Problematisa-se a respeito da eficácia comunicativa desse modelo transicional, a partir da aplicação de conceitos da semiótica da comunicação, com base na relação entre os sistemas de signos das sessões *Multimídia* e *Notícias (Home Page)*. Utiliza-se um referencial teórico com base na Semiótica apresentada em Santaella & Nöth (2004), Santaella (2010), Machado (2002, 2003, 2007) e Nakagawa (2008), de onde se extraem tanto aspectos fundamentais quanto especificamente voltados à proposta deste trabalho, baseados numa abordagem ecológica da mídia.

Palavras-chave: Multimídia. Semiótica da comunicação. Webjornalismo. Portal D24AM. Abordagem Ecológica.

Introdução

É óbvia a percepção de uso intenso da internet pela população mundial, com todos os seus pacotes virtuais, carregados de informações, de sugestões e de modelos. Expandem-se seus micro e macro significados; eles são percebidos quase invasivamente, mas de sorte necessária às gerações que deles se alimentam diuturnamente. Essa ligação torna-se evidente quando Lévy (1999) apresenta ciberespaço – ou rede – como o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores; e ainda, quando conceitua a cibercultura como um conjunto diverso, a qual contém técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores sociais, a desenvolver-se em consonância com o ciberespaço.

¹ Texto original, como recebido pela coordenação do Interprogramas.

² Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM). E-mail: criss_nicegirl@hotmail.com

Assim sendo, faz-se necessária à análise desses espaços *supra* midiáticos, dotados de argúcia, dos quais os produtores e produtos jornalísticos têm se apropriado e os quais também se apropriam destes. Segundo Dizard (2000), essa nova mídia acrescenta uma dimensão poderosa ao atual padrão cultural, pois sua capacidade para criar e distribuir informação e entretenimento é muito superior à de qualquer veículo já experimentado. Ele questiona ainda se esses novos recursos servirão para fortalecer nossas vidas [pessoal e comunitária] e reforçar nossa tradição.

Existe, pois, um jornalismo relativizado nesse sentido multimidiático. Entretanto, qual será seu modelo representativo? Em que chão ele pisará [ou em que virtualidade estará submerso]? Questões como essas mostram a relevância de se pesquisar a forma como a insurgência das novas mídias consubstancia para uma ressignificação própria do jornalismo tradicional, a qual se estabelece no processo de modelização. O fazer jornalístico intrínseco submete-se apenas a uma pragmática que lhe é como a própria identidade, conforme propõe CHAPARRO: “A intervenção do relato jornalístico em acontecimentos complexos ou em elevado grau de complexidade, pode ampliar, em novos sucessos, a rota do processo e, até, desencadear processos derivados nas tramas sociais” (1994, p. 114).

Desse modo, o fazer pragmático do jornalismo encontra-se com um de maximização da complexidade desse mesmo fazer. Ou seja, com as possibilidades *multimidiáticas*, a diversidade e o detalhamento tornam-se inerentes ao noticiar cotidiano. No caso específico do site noticioso D24AM, problematiza-se no sentido de perceber a forma de utilização das linguagens do *webjornalismo* deste portal, herdadas do impresso correspondente (Diário do Amazonas). E mais profundamente, compreender como são forjadas outras formas de linguagens, próprias dele, a partir do processo de modelização. Desse modo, poderão ser ‘lidas’ questões fundamentais acerca de uma re-elaboração de uma cadeia de significados para a web, que ainda são tratados, usualmente, de forma superficial e difusa, a exemplo de um olhar empírico sobre a aba multimídia do portal utilizado como *corpus*.

Ponto de vista semiótico e Comunicação

Para que se observem aspectos fundamentais do entrelaçamento entre Comunicação e Semiótica, é necessário, portanto, um retorno histórico e epistemológico ao campo comunicacional. Primeiramente, tomemos de Sodré (2002) a seguinte problematização: a de que o objeto de uma ciência jamais é previamente definido, sendo este um território recortado, fruto da própria construção do conhecimento. Desse modo, conforme avança o conhecimento, vislumbram-se territórios antes insuspeitados.

De posse de uma visão epistemológica mais libertária, avança-se no sentido de observar o processo de comunicação, o qual parte de uma concepção estrita e de nível basal para outro mais alto. Nesse nível, é considerada a complexidade das relações humanas imersas na realidade sócio histórica. Nos termos de Santaella & N th (2004), os processamentos, inclusive em nível biológico, já têm suas trocas mediadas por programas codificados; o que os difere da comunicação do mundo humano é a mediação simbólica, inerente a esta última forma.

Neste trecho, depois de alcançada uma compreensão geral a respeito da Comunicação, parte-se para um olhar semiótico da mesma, instalado por meio de concepções específicas, para bem da coerência desta abordagem. Quando do seu nascimento como ciência, o que se percebe é uma necessidade de denominar e buscar o que há de ‘semiótico’ nos estudos, nas teorias e nas epistemes filosóficas, teológicas e científicas ao longo do tempo. Tornando a Semiótica presente e perpassada por todas essas concepções, transformando-a em tema, em ciência, ao buscar, discutir e reafirmar seu objeto e seus métodos de abordagem da realidade.

Irene Machado esclarece, a princípio, uma questão de terminologia: “Aquilo que Ch. S. Pierce formulou como semiótica, o linguista genebriano Ferdinand de Saussure denominou Semiologia” (2007, p. 280). Sua base, como traz a autora, é fundamentada numa cadeia de construção de sentidos, a qual ocorre por meio de um processo dinâmico que implica operação conjunta entre fonte e recepção, bem como a variedade de códigos a  encontrada. Grosso modo, semiose é o espaço-tempo de interação entre esses códigos.

Assim, Machado (2007) reforça o conceito de Semiose ao entendê-la como a compreensão da interatividade dialógica entre códigos, discursos, linguagens que ocorrem nas instâncias de enunciação. E mais ainda, no momento de ocorrência e produção de sentidos no espaço intersemiótico, ambos - receptor e transmissor - já não o são essencialmente. Segundo ela, o mesmo implica tanto a operação conjunta entre fonte e recepção para codificar a informação, quanto a variedade de códigos que entram em ação no processo de recepção (2003). A autora ainda traz o seguinte encadeamento de ideias: “a) não há comunicação sem transmissão de informação; b) não há informação que não seja encarnada numa mensagem; c) não há mensagem sem signos; d) não há transmissão de mensagens sem um canal de transporte” (MACHADO, 2002, p. 216).

Depois de compreendidas as diferenças básicas entre informação, comunicação, significação e mensagem, é preciso avançar sobre aspectos mais inerentes à semiótica em si, tais como a própria significação. Machado (2003) questiona: se a significação é a condição do signo e se o signo é sempre representação, o que pressupõe a transformação da informação em linguagem por meio da codificação? Como situar a significação tendo em vista o código? Trata-se do processo de codificação-descodificação-recodificação. É ele o responsável pelo reconhecimento que se faz a respeito dos códigos ali expostos.

Ainda essa autora (ibid.) traz dois outros conceitos fundamentais para a compreensão do ponto de vista semiótico da comunicação: *infossemiose* e *modelização*. O primeiro diz respeito a toda semiose com vistas à transformação da informação em linguagem. E isso ocorre graças à interação de sistemas de signos e de suas codificações, desencadeando, por sua vez, a modelização da linguagem e sua expansão em sistemas semióticos variados. Mas o que seria modelizar? A transformação dos sinais em informação dá-se num processo genuinamente semiótico, já que envolve a tradução de sinais em signos; e ainda, não existe sistema semiótico explicitado, mas sim construído ao longo de um processo. Para Machado (2002), enquanto o estudo semiótico dos meios de comunicação de massa gravita em torno de uma codificação – sonoridade, visualidade, oralidade – o estudo semiótico das mídias lida com as interfaces, as convergências, as conexões e, conseqüentemente, o hibridismo das codificações. E o que dizer da nova mídia? E das novas possessões/apropriações do jornalismo do presente século?

7º Interprogramas de Mestrado

Elas nos trazem, entretanto, mais incertezas do que certezas, justamente pelo fato de não possibilitarem respostas apriorísticas nem fechadas: “... o que está em jogo não são as soluções ou respostas, mas o modo como os códigos modelizam informações para criar linguagens diferenciadas” (Machado, 2002, p. 214). É necessário que se descubra a semiose, as relações entre os possíveis sistemas de signos ali presentes, embora não expostos. E ainda da perspectiva de Machado (2002), assim como o código impõe normas para a construção da linguagem, ele mesmo se revela num exercício de liberdade em suas combinações.

De outro prisma, mas ainda num debruçar-se sobre o mesmo tema central, é reiterado o papel das mídias para a compreensão do presente ponto de vista. “Diferentemente dos meios, definidos como meros canais de transmissão unilateral de mensagens entre o emissor e a massa de receptores, as mídias passam a ser entendidas como sistemas capazes de produzir linguagens, cujas mensagens são veiculadas para públicos cada vez mais segmentados” (NAKAGAWA, 2008, p. 3).

Na fronteira multimidiática: jornalismo *on line* do D24AM

O portal noticioso D24AM será apresentado em sua constituição básica, a fim de sejam reconhecidas sua estrutura e sua forma de organização, em termos de linguagens modelizadas a partir de um referencial apriorístico no meio impresso. A seguir, as figuras ilustram as duas páginas em discussão neste trabalho: *Home Page* e *Multimídia*:



7º Interprogramas de Mestrado

Figura 1: Home Page do portal D24AM
Fonte: www.d24am.com (consulta em 28/07/2011)



Figura 2: Aba Multimídia do portal D24AM
Fonte: www.d24am.com (consulta em 28/07/2011)

Fidalgo (1999) ilustra da seguinte forma que o vestuário de um executivo, por exemplo, obedece a um código bem definido. Casaco, calças, camisa, gravata, sapatos, constituem a língua utilizada. Camisolas, calções, calças de ganga e sapatilhas, exemplifica, estão excluídas da norma. Desse modo, por meio de paralelismo conceitual, é possível perceber que toda ‘apresentação’ caracteriza-se numa seleção de elementos, ou seja, combinação de aspectos como cores, formas, texturas, tipologias etc. Compreende-se, pois, como estão organizados os ‘elementos’ constituintes de uma mesma completude noticiosa, expressa em seu formato multidimensional acentuadamente hipermidiático. Corroborando com essa argumentação, observa-se:

No atual estado da arte, a interatividade na rede permite: acessar informações à distância em caminhos não lineares de hipertextos e ambientes hipermídia; enviar mensagens que ficam disponíveis sem valores hierárquicos; realizar ações colaborativas na rede; experimentar a telepresença; visualizar espaços distantes; agir em espaços remotos; coexistir em espaços reais e virtuais; circular em ambientes inteligentes através de sistemas agentes; interagir em ambientes que simulam vida e se auto-organizam (SANTAELLA, NÖTH, 2004, p. 47).

Depois do esboço de um modelo social que ainda está na infância, é necessário o desenhar o papel das mídias nesse ambiente. Para Gitlin (2003), as mídias são ocasiões para experiências – experiências que são, em si, os principais produtos, as principais transações, os principais ‘efeitos’ das mídias. Partindo-se de tal pressuposto, é coerente uma reconfiguração, um rearranjo social e midiático baseado num modelo relacional propriamente humano. Corroborando com essa proposta, Capra (2006) afirma que para haver entendimento sobre a interdependência ecológica é preciso que sejam entendidas as relações. Significa que uma comunidade humana dita sustentável está ciente das múltiplas relações entre seus membros.

Assim sendo, nos perguntamos qual das mídias ou das superposições possíveis poderia ser compósito de tal modelo. A internet surge como uma alternativa, depois de certos ajustes político-ideológicos, como uma alternativa às necessidades de uma nova organização social. Mas há certas implicações, consideradas por Dizard (2000), de que poderia o maior adentramento nesse ciberespaço, de poder fragmentário, leve à maior fragmentação da comunidade, alimentando um sentimento crescente de ruptura.

Incursões acerca de uma ‘abordagem ecológica’

Nakagawa (2008) fala de uma abordagem ecológica da mídia, a qual subentende a sua compreensão indissociada do *continuum* no qual está inserida. Isso certamente exige que se considere a complexidade do espaço onde ocorrem as trocas operacionalizadas entre as diferentes mídias, além das mediações que incidem nas fronteiras instituídas entre elas. É bem verdade que o espaço de fronteira é o que se busca, não interessando nem um nem outro dos lados, mas a conjunção e a riqueza do ruído que ela provoca.

Segundo Haeckel (1866 apud Santaella, 2010), ‘ecologia’ é a ciência das relações mútuas entre o organismo e o mundo exterior que o rodeia. Ela ainda vai mais longe, buscando o termo em sua originalidade, o qual vem do ramo da biologia. Entretanto, tem sido recorrente, a cada instante, uma maior e mais profícua irradiação do mesmo de modo a torná-lo *inter* e transdisciplinar. Percebe-se, pois, que nada permanece ou para, o

movimento, a dinâmica são inerentes ao despontar de possibilidades outras para a comunicação, para a cultura e para as interfaces novíssimas forjadas por tal processo.

Trata-se, evidentemente, de uma percepção acerca das similaridades entre o complexo com que lida a ecologia em seu berço etimológico e o comportamento social em nível macro, das organizações *multi*, caracterizadas, em grande parte, pelo crescimento da diversidade midiática. Esse, de acordo com Santaella (2010), é o ponto a ser considerado quando se traz para os estudos da comunicação uma ‘ecologia’ que lhe é própria e eficaz. A autora faz uma explanação acerca da diversidade midiática, colocando contrapontos entre as mídias pré-digitais e as essencialmente digitais:

As mídias pré-digitais foram se inserindo nas sociedades sequencialmente, uma a uma [...] embora o advento de uma nova mídia provocasse reajustamentos no papel social desempenhado pelas mídias anteriores, o DNA, digamos assim, de cada mídia não era alterado (2010, p. 16). [E ainda] Krotz (2005): quando a mídia se torna digital, seus traços de superfície mudam drasticamente, mas, no nível subjacente, operam-se grandes transformações e, gradualmente, a mídia começa a ser usada e a comportar-se de modo diferente (SANTAELLA, 2010, p. 16).

Essas últimas são as chamadas ‘*Born digital*’ (nascidas digitalmente), ou melhor, “aquelas que brotam diretamente do potencial do computador para criar linguagens que lhe são próprias, a exemplo da animação gráfica 3D” (Santaella, 2010, p. 16). Além disso, outro aspecto fundamental para se entender essa ‘ecologia’ são os cinco elementos de Pellegrino (2008), quando a autora fala dos ambientes de convergência tecnológica e inovação, a seguir: “sistema, diversidade, coevolução, espécies angulares, localidade” (PELLEGRINO, 2008 apud SANTAELLA, 2010, p. 17).

Desses, três recebem maior destaque: diversidade, que demonstra que a convergência precisa de mais do que integração, ela precisa principalmente de distribuição e variedade; coevolução, a qual implica que todas as mídias devem ser vistas conjuntamente, como fazendo parte de uma mesma cadeia ecológica, nem mesmo as mais recentes, que tendem, por tal razão, a ofuscar os olhares para as demais, e; localidade, quando passado, presente e futuro estão intimamente atados nas trajetórias tecnológicas, modificando, inclusive, a ideia de decorrência e elasticidade temporal.

De que nos fala essa ecologia da comunicação? O que a preenche e a faz existir? Ela existe, pois, por meio de espaços *hiperconectados*, espaços de *hiperlugares*: “múltiplos espaços em um mesmo espaço, que desafiam os sentidos de localização, permanência e duração” (SANTAELLA, 2010, p. 18). Estamos imersos num meio do qual não podemos vê-lo com serenidade e perspicácia suficientes, do qual é raro imergir que não seja de forma despropositada, como se não fosse para fazer parte dele, sujeitar-se a ele ou venerá-lo.

Considerações

Desse modo, será imprescindível mexer [ou desconstruir] em todas as bases que outrora nos pareceram sólidas – ou consolidadas – para se caminhar no campo da comunicação. Será preciso, então, atentar para os novos caminhos, agora plurais; e também para a nova ecologia, sempre mais complexa, compondo outro caminho por onde atravessar mais eficazmente os meandros desta comunicação que nos desafia diuturnamente.

No caso do portal D24AM, o que percebe é uma ordem lógica, aqui examinada sob o ponto de vista semiótico, pluralista em sentido lato, em conformidade com o significado multiplicativo da palavra, ambíguo, por assim dizer. Ou seja, as mídias são multi [e dessa forma, multi mídias], mas nascem juntas, alimentadas pela mesma reportagem placentária do jornalismo multifocal. Os pedaços de reportagens juntam-se ‘ecologicamente’ para formar o todo da compreensão pós-moderna, a qual também se finca numa concepção trans, multi, inter, meta. Como na obra de MORIN (2004), em seu postulado: “(...) há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si” (p. 38).

A modelização ocorre, portanto, nos momentos em que se mostram as novas linguagens, surgidas a partir do processo semiótico modelizante, que redefine, cria, engendra e apresenta um modo de comunicar jornalístico singularizado. É fato seu aparente alto grau de descontinuidade, a despeito de uma reedição de processos outrora reconhecidos no meio impresso. Enquanto as abas trazem em si o gene das editoriais, uma nova forma de construir o texto, em seu aspecto *multimidiático*, revela, pois, aspectos inerentes a outra

forma de organização, que liga e separa a um só tempo, que transcende a forma linear de expressão unidimensional do impresso.

Em Lage (1979), verifica-se a relevância da prática na distinção entre notícia e reportagem, partindo-se do que sugere a produção. Assim, enquanto o fazer noticioso é um movimento rápido e *pretensiosamente* imparcial e objetivo, o ato de reportar revela-se mais detalhado, interpretativo, profundo e envolvente. Ou melhor, ao se utilizar o nome videoreportagem para designação de determinado tipo de material jornalístico, pressupõem-se, portanto, uma relação representativa intimamente associada ao conceito fundamental do termo. Em resumo, no modelo multimidiático aqui apresentado, verifica-se uma busca pelo complemento, pelo *completar* a informação, a qual se dá por meio da gravação do áudio, da apresentação de diversas fotos (galeria) de um determinado fato, além da videoreportagem em si. A sensação de incompletude persegue, pois, esse fazer.

Referências

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**: Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos; Fritjof Capra; Tradução Newton Roberval Eichenberg. -- São Paulo: Cultrix, 2006.

CHAPARRO, Manoel Carlos. **Pragmática do jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. -- Manoel Carlos Chaparro, -- São Paulo: Summus, 1994. -- (Novas buscas em comunicação; v. 44).

DIZARD, Wilson. **A Nova Mídia**: A Comunicação de Massa na Era da Informação. Wilson Dizard Jr.; tradução [da ed. norte americana], Edmond Jorge; revisão técnica, Tony Queiroga. -- 2ª. Ed. rev. e atualizada -- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FIDALGO, António. **Semiótica Geral**. Universidade de Beira Interior, Covilhã. Janeiro de 1999. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-semiotica-geral.pdf> (acesso em 05/04/2011).

GITLIN, Todd. **Mídias Sem Limite**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979.

LÉVY, Pierre, 1956 – **Cibercultura**/ Pierre Lévy; tradução de Carlos Irineu da Costa. -- São Paulo: Ed. 34, 1999. 264 p. (Coleção TRANS).

7º Interprogramas de Mestrado

MACHADO, Irene. Semiótica como teoria da comunicação. In: WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione; HOHLFELDT, Antonio (org.). **Tensões e objetos da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2002, pp. 209-234.

-----, Circuitos dialógicos: para além da transmissão de mensagens. In ----- (org.) **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Annablume/ FAPESP, 2007, p. 57-68. (disponível em: Googlebooks).

-----, O ponto de vista semiótico. In: **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. (organizadores) Antônio Hohlfeldt, Luiz C. Martino, Vera Veiga França. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar, 1921 - **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro**/ Edgar Morin; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho. – 9. Ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2004.

NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira. O ponto de vista semiótico dos meios. In: **Anais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, Inovcom, GT Teorias da Comunicação, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0290.pdf> (acesso em 4/4/2011).

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. Panorama do campo comunicacional. In: **Comunicação e semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004, pp. 31-67.

-----, Panorama do campo semiótico. In: **Comunicação e semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004, pp. 68-81.

SANTAELLA, Lúcia. **A ecologia pluralista da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes.